

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONCEITOS E AÇÕES DE IDOSOS DO GRUPO RENASCER  
EM SÃO JOSÉ DE ALMEIDA, JABOTICATUBAS, MG**

**ENVIRONMENTAL EDUCATION: CONCEPTS AND ACTIONS OF THE ELDERLY OF THE  
“GRUPE RENACER” IN SÃO JOSÉ DE ALMEIDA, JABOTICATUBAS, MG**

**Érica s. Miranda; Celina M. Modena; Virgínia T. Schall**

Centro de Pesquisas René Rachou - Laboratório de Educação em Saúde  
Av. Augusto de Lima, 1715, Barro Preto, 30190-002 - Belo Horizonte, MG, Brasil  
(miranda@cpqrr.fiocruz.br; celina@cpqrr.fiocruz.br; vtschall@cpqrr.fiocruz.br)

**RESUMO**

A educação ambiental (EA) pode agregar conhecimentos a todas as faixas etárias, fortalecendo uma consciência ambiental em dimensão coletiva. Foi objetivo desta pesquisa investigar conhecimentos e ações da EA de idosos no grupo da terceira idade do Distrito de São José de Almeida, área rural de Jaboticatubas, MG. Em uma abordagem quanti-qualitativa, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, questionário sócio-econômico e oficinas sócio-educativas. A análise de conteúdo apontou para uma construção de conceitos sobre meio ambiente ancorados em aspectos relevantes da história pessoal dos idosos. As representações sobre o contexto ambiental estão embasadas em conhecimentos empíricos e experiências locais. Para este grupo, a preservação do ambiente está associada a valores e princípios de conservação da terra para a subsistência. O conhecimento sobre o que pensam e como agem os idosos, em relação às questões ambientais, permitirá elaborar materiais educativos que possam gerar debates e multiplicar a atenção para o aspecto aqui estudado.

**Palavras-chave:** educação ambiental, meio ambiente, idoso, terceira idade, sustentabilidade.

**ABSTRACT**

Environmental education is able to gather knowledge to all age groups, strengthening environmental consciousness in a collective dimension. The objective of the research was to investigate knowledge and actions in environmental education taken among a group of elderly in the district of São José de Almeida, rural area of Jaboticatubas, MG. A quanti-qualitative approach was used to carry out semi-structured interviews, socio-educational workshops and to apply a socio-economical questionnaire. An analysis of content indicated a construction of concepts about the environment based on relevant aspects of the personal history of the elderly. The representations about the environmental context are founded on empiric knowledge and local experiences. Among this group, the preservation of the environment is associated with values and principles for the conservation of land for subsistence. The knowledge about what the elderly think and how they act in relation to environmental issues allows the development of educational materials, which may generate discussions and multiply attention to the topics studied in this research.

**Keywords:** environmental education, environment, elderly, sustainability

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 A Educação Ambiental

A educação ambiental (EA) tem como um objetivo que os indivíduos e a coletividade compreendam a natureza complexa do meio ambiente natural e do meio ambiente criado pelo homem, resultante da integração de seus aspectos biológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais, e adquiram os conhecimentos, os valores, os comportamentos e as habilidades práticas para participar responsável e eficazmente da prevenção e solução dos problemas ambientais, e da gestão da questão da qualidade do meio ambiente (Conferência de Tibilisi, 1977). É na verdade uma proposta de filosofia de vida que resgata valores éticos, estéticos, democráticos e humanistas. Ela parte de um princípio de respeito pela diversidade natural e cultural, que inclui a especificidade de classe, de etnia e de gênero (Viezzer & Ovalles, 1995). No Brasil diversos dispositivos legais apontam a EA como processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competência voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial a sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999)

A EA se traduz em um conjunto de conteúdos e práticas ambientais, orientadas para a resolução dos problemas concretos do ambiente, através do enfoque interdisciplinar e de uma participação ativa e responsável de cada indivíduo da comunidade (Dias, 1992). É uma das ferramentas existentes para a sensibilização e capacitação da população em geral sobre os problemas ambientais. Com ela, busca-se desenvolver técnicas e métodos que facilitem o processo de tomada de consciência sobre a gravidade dos problemas ambientais e a necessidade urgente de nos debruçarmos seriamente sobre eles. (Marcatto, 2002)

Analisar a educação sobre o ambiente no Brasil transcende a questão da educação em si e remete a um quadro de graves problemas estruturais que se somam aos demais que compartilhamos com o primeiro mundo. (Schall, 1992)

### 1.2 A quem se destina a Educação Ambiental

A educação ambiental é um processo de aprendizagem que deve estar voltado para todas as idades. Entretanto, observa-se uma crescente preocupação, com esta temática, em escolas de ensinos fundamental e médio, deixando quase sempre outros setores da sociedade privados destes conhecimentos. Ela deve estar presente em todos os espaços que educam o cidadão e a cidadã, sem limite de idade, em caráter permanente e dinâmico, adequando o seu conteúdo e metodologia aos públicos específicos. (Reigota, 1994)

Se a EA se destina a todas as faixas-etárias, deve-se estabelecer a melhor maneira para dialogar com as pessoas da terceira idade que possuem vasta experiência de vida, mas, que viveram em uma época onde estratégias de preservação do meio ambiente não faziam parte do cotidiano social. Muitas dessas pessoas possuem ainda noções do passado que se contrapõem aos princípios da EA. Na zona rural, observa-se a caça e queimadas indiscriminadas, nos centros urbanos, o descuido com a arquitetura histórica das cidades, o destino do lixo, a poluição atmosférica e das águas. O Brasil sofre hoje nas cidades uma série de problemas ambientais que afetam a saúde humana, reduzem a qualidade da vida, aumentam os custos de produção e causam danos a ecossistemas no longo prazo. (IBAMA, 2002)

Para esta tomada de consciência é fundamental associarmos processos educativos formais às demais atividades sócio-produtivas na luta pela sustentabilidade e qualidade de vida. São prioritários projetos que articulem o trabalho comunitário e o trabalho educacional, buscando-se o conhecimento, a reflexão e a ação completa sobre o ambiente em que se vive. A educação ambiental, por seus princípios integradores e de promoção da qualidade de vida, pode constituir

o elo entre o entendimento do meio ambiente como totalidade que inclui a comunidade, as condições materiais concretas e mudanças de paradigma na construção da defesa do meio ambiente. Para Castro & Baeta (2002), ter a educação ambiental como objeto de reflexão, motiva para a participação em diferentes instâncias sociais exigindo a garantia de um trabalho não somente coletivo mas também individual. Lima (2002), caminhando na mesma direção, diz que a educação é uma construção social repleta de subjetividade, de escolhas valorativas, de vontades políticas, dotada de uma especial singularidade, que reside em sua capacidade reprodutiva dentro da sociedade. Ela significa, portanto, uma construção social estratégica por estar diretamente envolvida na socialização e formação dos indivíduos e de sua identidade social e cultural. A educação, nesse sentido, tem um papel emancipatório, comprometido com a renovação cultural, política e ética da sociedade e com o pleno desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos que a compõem. Assim, qualquer ação em educação ambiental deve permitir o cruzamento das especialidades, o trabalho nas interfaces, a superação das fronteiras e a migração de um conceito de um campo do saber para outro além da própria unificação do conhecimento, como postulado por Domingues (2001).

### 1.3 Contextualizando a terceira idade

A população brasileira e mundial está envelhecendo, devido a melhoria das condições de vida, do saneamento básico, das vacinas, dos medicamentos e da queda na taxa de natalidade. Para Veras (2003), a diminuição no ritmo de nascimento resulta, a médio prazo, no incremento proporcional da população idosa. Hoje, a população de idosos ultrapassa os 15 milhões de brasileiros (para uma população total de cerca de 170 milhões de habitantes), que em 20 anos serão 32 milhões. Pode-se afirmar que até os anos 60, a partir, pelo menos, de 1940, a população brasileira apresentou-se como quase-estável, com distribuição etária praticamente constante. Era uma população extremamente jovem, com em torno de 52% abaixo de 20 anos, e menos de 3% acima dos 65 anos (Carvalho & Garcia, 2003). O envelhecimento da população brasileira vem ocorrendo muito rapidamente, fazendo eco ao panorama mundial. Este fato revela indicadores positivos de uma melhora de qualidade de vida da população. Assim, no início deste milênio, o acelerado crescimento da população idosa brasileira surge como um elemento central para a elaboração de novas políticas públicas (Uchôa, 2003). O maior desafio para o poder público será adequar as cidades para proporcionar aos idosos melhores condições de vida. Reestruturar as áreas de Saúde, Educação, Habitação, Urbanismo, Cultura, Esporte e Lazer, entre outros, para que estas sejam fontes de estímulo para a contínua produtividade na terceira idade.

Com base nos dados da pesquisa “Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000”, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,2003), a população residente total do Brasil era de 169.799.170, sendo que 14.536.029 (8,6%) tinham 60 anos ou mais. A Região Sudeste possui um total de 6.732.888 de idosos responsáveis pelo domicílio, ou seja, são arrimo de família. Em Minas Gerais estes idosos ultrapassam a faixa dos 1.600.000. De acordo com Lima-Costa e Veras (2003) a cada ano, mais 650 mil idosos são incorporados à população brasileira. Já perdemos muito tempo acreditando que ainda éramos um país jovem, sem dar o devido crédito às informações demográficas que mostravam e projetavam o envelhecimento da nossa população.

Apesar das pesquisas divulgadas, uma parte da sociedade ainda não despertou para as possíveis conseqüências do envelhecimento da população. O que acontece com frequência é o desprezo ao envelhecimento. Para Primi (2002), os avós do século 21 já não se encaixam naquela imagem de um casal alquebrado, ela de coque e ele de bengala. Em número crescente no Brasil, buscam espaço e pressionam o mercado e o governo. Como postulado por Veras (2003), é chegado o momento de ir além da descrição, basicamente quantitativa, das mudanças do perfil

demográfico para uma reflexão, na qual as mudanças culturais e sociais, decorrentes dessa ampliação, estejam mais presentes.

Assim, considerando-se a importância desta população, no contexto atual, e a sua possível atuação na educação ambiental, foi objetivo deste trabalho investigar conhecimentos e ações sobre meio ambiente em um grupo de terceira idade, de área rural e desenvolver estratégias sócio-educativas.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 Caracterização da área e do grupo**

O Distrito de São José de Almeida pertence ao Município de Jaboticatubas em Minas Gerais e está localizado a 40 Km do centro de Belo Horizonte, tendo como atividade econômica principal a agropecuária. Constituindo-se uma população de transição entre a área urbana e a rural. Jaboticatubas possui uma população total de 13.530 pessoas, sendo 1.560 com idade acima dos 60 anos. (IBGE, 2005)

O grupo Renascer foi criado em 2002 e atualmente é composto por vinte idosos e cinco coordenadores. O grupo surgiu como única alternativa para a convivência e lazer para os idosos. Os encontros são realizados semanalmente e algumas atividades como ginástica, jogos e dança, são oferecidas. Não existem programas sistemáticos para estimular a participação social dos idosos.

### **2.2 Coleta de dados e análise da informação**

Para obtenção das informações foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, questionário sócio-econômico e oficinas sócio-educativas através da triangulação metodológica como uma estratégia para se aproximar da realidade que se pretende investigar. O questionário sócio-econômico foi baseado em Oliveira & Oliveira (1986), construído com o intuito de averiguar a estrutura etária populacional, a renda, o gênero, o estado civil e a inserção profissional. Segundo os autores, este é um instrumento rígido, elaborado unilateralmente pelo pesquisador que, em geral, restringe à expectativa do mesmo.

Para conhecer os conceitos e ações dos idosos sobre as questões ambientais foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas para permitir o aprofundamento do tema (Minayo, 1994). As entrevistas abrangiam questões relativas à relação homem-natureza, voluntariado e direito dos idosos. No presente trabalho, foram analisadas as respostas relativas às relações homem-natureza.

Em relação à ordenação das perguntas, optamos por utilizar no início da entrevista as perguntas abertas, que não podem ser respondidas com um sim ou um não, ou uma simples afirmação de fato. Deixamos livre o tempo das entrevistas, pois os idosos encontraram neste momento um espaço para relatar as suas experiências pessoais. Novak e Gowin (1984), já apontavam que a duração de uma entrevista depende, por um lado, da idade das pessoas envolvidas e por outro lado dos seus objetivos.

Nos questionários sócio-econômicos, foi realizada uma análise descritiva das variáveis sócio-demográficas. As entrevistas foram submetidas a análise temática de conteúdo segundo metodologia proposta por Bardin (1977). As entrevistas foram transcritas e as categorias temáticas foram analisadas em quatro momentos: 1. leitura para a apreensão global das respostas; 2. discriminação das unidades de significado; 3. construção temática das unidades de significado; 4. categorização das unidades.

### **2.3 Oficinas sócio-educativas**

Os primeiros contatos, com os idosos, foram realizados para a gravação das entrevistas semi-estruturadas. Após alguns encontros observou-se uma demanda por uma atividade mais prática, optando-se então por uma oficina sócio-educativa. A construção da mesma, enquanto método de intervenção, obedeceu aos critérios teóricos-metodológicos sugeridos por Afonso (2003). Na elaboração da oficina foram considerados: a demanda, o foco, o enquadre e a flexibilidade. Obedeceu-se, também, algumas regras básicas que são utilizadas para a elaboração de programas educativos, como por exemplo, a adequação da linguagem, o estudo do perfil dos participantes, a escolha dos temas adequados ao nível educacional do grupo e os temas geradores (temas que mobilizam o grupo porque se relacionam à sua experiência, tocam em suas necessidades, medos, alegrias, conflitos e possibilidades, aguçam o desejo de participação e troca).

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **3.1 Aspectos sócio-econômicos do grupo Renascer**

O grupo da terceira idade Renascer é considerado por seus coordenadores como “*um grupo de convivência*”. Por isso, recebe em seus encontros pessoas que estão abaixo da idade de 60 anos, considerada o início da terceira idade nos países em desenvolvimento (IBGE,2003). Sendo assim, estabeleceu-se como universo de análise todos os participantes do grupo Renascer, pois seria constrangedor excluir as pessoas que participam do grupo regularmente. Neste universo, estavam presentes dezessete pessoas, sendo quatro pertencentes à faixa etária entre 41-60 anos, oito entre 61-70 anos e cinco entre 71-90 anos. Este grupo era composto por treze mulheres e quatro homens. Em relação à escolaridade, 76,5% dos entrevistados disseram ter cursado de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental. Quando perguntados sobre a profissão que exerciam, quando trabalhavam regularmente, recebemos as seguintes respostas: 47,1% trabalhavam em atividades rurais (roça); 17,6% em serviços gerais; 11,8% eram comerciantes e os outros 23,5% trabalhavam como costureira, eletricitista, governanta e químico industrial. Dentre os entrevistados, 41,2% moram sozinhos e 58,8% são viúvos. A aposentadoria é um benefício recebido por 64,7% dos entrevistados. Todos os pesquisados do grupo possuem casa própria, mas o número de cômodos pode variar entre três e catorze.

### **3.2 Construção das categorias analíticas**

Para compreender o significado atribuído à educação ambiental e propor estratégias de intervenção, é essencial que se tenha conhecimento das concepções da relação homem-natureza de grupos sociais específicos. Nesse sentido, a análise de conteúdo das entrevistas semi-estruturadas destacou a lógica subjacente à construção do discurso deste grupo urbano-rural. As categorias de análise foram construídas a partir das repostas obtidas nas entrevistas, das anotações do diário de campo, da oficina sócio-educativa e da observação. Foram elaboradas as

seguintes categorias: meio ambiente, preservação da natureza, sustentabilidade, cidadania e educação ambiental.

### 3.2.1 Categoria Meio Ambiente

Na concepção de meio ambiente a natureza ocupa a centralidade das representações dos idosos. Em 70% dos depoimentos a percepção da relação homem-natureza predomina. Como demonstrado na seguinte fala: “*Ambiente...é onde nós vivemos, as florestas os rios, e as nascentes que nós temos. O que eu conheço sobre ambiente pode ser isso*”. De maneira geral, a representação dos idosos demonstrou uma adaptação dos conceitos ao seu referencial próprio, recortando-os e dando relevo aos pontos que estão em conformidade com a sua realidade. O grupo utilizou as estratégias de ancoragem e objetivação para traduzir a questão ecológica para o seu cotidiano. Os idosos, através da ancoragem, associaram o conceito a imagens cotidianas e ligando-as a um ponto de referência reconhecível. Através da objetivação transformou uma abstração em algo quase físico. Estes processos serviram para transformar o estranho em familiar, possibilitando através do seu quadro de referência, interpretar o conceito (Moscovici, 1981). Observou-se, também, uma super valorização das experiências sensíveis, inserindo e adaptando os sujeitos aos processos naturais, como observado na seguinte fala: “*Pra mim ambiente é preservação da natureza (...) eu tenho um rio aí no fundo e que não é a mesma coisa de quando eu era criança (...) o rio passa dentro do terreno*”.

Em outra concepção o meio ambiente não é definido pela natureza, mas pela inserção em determinado contexto social. Essa aparece como elemento fundante na definição do conceito meio ambiente. “*Meio ambiente pra mim, eu acho assim....porque depois que eu mudei pra cá eu arrumei muitas colegas, muitos amigos, eu não saía de casa.*”; “*Aqui também é bom, vivo muito tranquilo aqui, ninguém me amola, não tenho malquerença com ninguém. Eu vivo alegre e “sastisfeita”*”. Assim, as relações familiares e a construção de laços sociais foram os elementos centrais nessas representações.

As entrevistas demonstraram que as representações têm um ponto em comum, conferem ao meio ambiente uma abordagem que desconsidera a influência concreta dos processos sócio-históricos. Essas representações podem esvaziar a função dos indivíduos como mediadores na interação com o meio natural, social e cultural, inserindo e adaptando os sujeitos aos processos naturais.

### 3.2.2 Categoria Preservação da Natureza

As opiniões foram diversas em relação à questão da preservação ambiental. Em alguns casos justificam suas condutas, em relação ao meio ambiente, alegando que poderão ter conseqüências imediatas para si e seu ambiente próximo. Algumas vezes não há uma perspectiva de visão coletiva e projeção para as próximas gerações, “*Não pode cortar a árvore porque quando fazendo sol eu nem sinto calor aqui, e se ela não tiver ali que calor que não vou sentir*”.

Esses depoimentos contêm uma representação do meio ambiente como característica físico-geográfica. Remete também, ao ambiente próximo à sua realidade, onde ocorre a preocupação com a preservação do ambiente no entorno dos seus domicílios. Estes adequam a sua representação ao seu modo de vida e as condições concretas à sua existência. Observou-se também uma associação da sua história pessoal com o tema, como relatado: “*Porque eu trabalhei muito tempo com caminhão, puxando carvão, muito lugar que era mata bonita, cerrados, beleza, tudo fechadinho. Tinha árvore, tinha tudo. Acabava tudo com o carvão. Cortava tudo para fazer carvão. As árvores frutíferas, por exemplo: araticum, pequi, esses trem todo eles cortavam tudo. Cortava os pés de pequi, cortava os pés de caju, cortava...cortava tudo...tudo quanto era planta que tinha no mato.*”

Na observação de campo, não percebeu-se, de forma geral, atividades transformadoras diante do ambiente em que vivem. Alguns idosos realizam ações isoladas de destino de resíduos. De maneira geral, não atribuem a si uma responsabilidade individual e coletiva na relação com a natureza e a sociedade.

### 3.2.3 Categoria Sustentabilidade

Em relação à sustentabilidade, no primeiro momento, todos não identificaram a palavra. Para parte dos idosos, o desenvolvimento sustentável remetia às suas necessidades econômicas traduzidas na seguinte fala: *“Não, eu nunca ouvi falar, mas sustentabilidade eu creio que seja o sustento que nós temos, a renda que eu tenho com o sustento”*. Nossas entrevistas demonstraram uma dificuldade em assumir uma dimensão coletiva, como já demonstrado na categoria preservação da natureza, através de uma lógica individual, na qual a intervenção do ambiente vai reverter em benefícios para si em um ambiente restrito. De forma geral, no imaginário do grupo a sustentabilidade esteve associada a uma lógica individual de reprodução econômica descolada do contexto e sem ligação com as questões ambientais. Um único entrevistado associou o termo sustentabilidade à questão ambiental: *“Sustentabilidade quer dizer uma coisa que sustenta (...) O que eu posso lhe explicar é, por exemplo: eu acredito que as árvores que tão aí no quintal, por exemplo, se eu cortar elas, quer dizer que a terra fica desprotegida. Quer dizer, as árvores sustenta a umidade, segura a umidade, traz a chuva, sem as árvores não tem chuva”*. A pretensa popularização do conceito não encontrou, neste grupo específico, possibilidades de operacionalização. A análise das concepções permitiu-nos identificar obstáculos na apropriação do conceito de sustentabilidade. Resultados semelhantes foram obtidos por Pellaud (2002; 2000) em sua pesquisa sobre a identificação de parâmetros necessários para transmitir ao público o conceito de desenvolvimento sustentável em uma exposição interativa, onde concluiu-se que os obstáculos estão situados em diferentes estágios, alguns atingindo o desenvolvimento cognitivo e a dificuldade vivenciada pelas pessoas por temer a complexidade, outros mais ligados ao domínio do emocional, da ética, ou para um certo quadro da realidade.

### 3.2.4 Categoria Cidadania

O conceito de cidadania para os idosos mostrou-se como um conceito contraditório. A valorização da educação formal e a atribuição da gestão da cidadania ao governo podem traduzir uma exclusão do papel do indivíduo como sujeito cidadão, demonstrado nas seguintes falas: *“Cidadania é um lugar (...) mais mandado pelo governo. Pra mim é assim.”*; *“Cidadãos são essas pessoas estudadas”*. A cidadania significaria ter as luzes do conhecimento, da leitura sendo excluídos todos aqueles que não tiveram cesso ao conhecimento escolar e estivessem mais próximos ao estado de natureza situados em condição inferior ao estágio atingido pela racionalidade daqueles que detêm o saber. Assim, o conhecimento é um pressuposto para o alcance da cidadania.

Contrários a este discurso, alguns idosos apontam que a via preferencial de acesso à cidadania se dá através das relações solidárias e da participação social e apontam para a possibilidade de engajamento na construção de projetos coletivos. *“A gente tem que viver ajudando os outros a viver também.”*; *“Cidadania é uma maneira de crescimento de melhoramento (...) Porque se eu quero ser um bom cidadão, é claro que eu tenho que procurar a fazer a minha parte, cumprir com meus deveres, pra poder saber se eu sou realmente um bom cidadão, para eu poder ajudar até o outro a ser também”*; *“A cidadania é um cidadão que no ambiente dele ali, ele pode... ele é bem considerado”*.

Para Ribeiro (2002), a cidadania ativa é aquela em que os cidadãos participam efetivamente das decisões que os afetam. De maneira geral, não se observou uma participação

concreta desses idosos na construção da sua realidade histórico material. Porém, as falas refletem uma possibilidade de mobilização comunitária para a realização das suas potencialidades, este devir se concretizaria através de uma educação para a cidadania, entendida como presença ativa à vida social, impondo-se como um conceito essencial cuja compreensão e exercício poderão influenciar o desenvolvimento econômico, político, social e cultural. (Patrocínio, 2002)

### 3.2.5 Categoria Educação Ambiental

Para a maioria dos idosos, a educação ambiental esteve articulada a questão da cidadania e ancorada em uma possibilidade emancipatória. A cidadania vinculada à educação ambiental criaria as condições para superar a dicotomia entre o mundo privado e o mundo público. Isolados em sua base material e social os idosos vêem, nesse binômio, uma possibilidade de mudar a sua sorte, já que historicamente lhes foi negado o estatuto de sujeitos produtores de saberes e conseqüentemente não lhes conferiu o ingresso na cidadania. Esta necessidade de acesso ao conhecimento é demonstrada nas seguintes falas: *“A educação ambiental é pra educar o povo, pro povo ficar mais civilizado, pra entender mais as coisas. Hoje ninguém entende mais nada! Pra melhorar, pra pessoa subir. Igual na terceira idade... quantas pessoas já melhorou na terceira idade.”*; *“A utilidade mesmo em si, eu não sei não. Mas eu acredito que seja, assim, pro bem comum. Acredito que a educação ambiental pode ser pro bem comum, não só pra mim, mas pro bem comum. Não sei se é isso mesmo, se não for você pode...”*; *“Tem que ter uma educação ambiental pra poder levar a frente, pras pessoas. Que tá fazendo as vezes um erro, tá destruindo uma planta, tá destruindo...matando os animais. É assim na minha mente.”*

A educação ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade da vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente. A real transformação do quadro de crise estrutural e conjuntural em que vivemos na questão do meio ambiente traz a educação ambiental como um elemento estratégico na formação de uma ampla consciência crítica das relações sociais e de produção que situam a inserção humana na natureza (Loureiro, 2002; 2003). Nesse sentido, a ecocidadania é um conceito utilizado para expressar a inserção da ética ecológica e seus desdobramentos no cotidiano, em um contexto que possibilita a tomada de consciência individual e coletiva das responsabilidades tanto locais como comunitárias.

### 3.3 A Oficina sócio-educativa

De acordo com o referencial teórico-metodológico dos grupos sócio-educativos o nosso objetivo foi aumentar o nível de reflexão e conscientização dos idosos sobre a questão ambiental, bem como conhecer as suas crenças, idéias e sentimentos, visando a sua reflexão, adaptação e/ou mudança, e estimulando novas aprendizagens, para o enfrentamento desta problemática. Tais grupos não se limitam a conhecer as crenças, mas intencionam a sua modificação para a transformação de uma dada realidade populacional. (Afonso, 2003)

Na oficina exploramos os seguintes temas associados à temática lixo: reciclagem, preciclagem, coleta seletiva, como selecionar o lixo, os tipos de lixo quanto a sua composição e as formas de destinação final do lixo. Logo após a realização das técnicas de grupo discutimos os pontos relevantes de cada atividade e refletimos sobre alguns aspectos importantes para a educação ambiental e a preservação do ambiente.

Utilizou-se a técnica de construção de um material a partir de caixas de leite, caixas de remédio e caixas de embalagens em geral. A produção escolhida pela maioria do grupo foi a caixa de presente, pois estávamos próximos ao Natal e todos estavam participando de um amigo

oculto e esta seria a embalagem. Algumas pessoas sugeriram que a atividade fosse chamada de “*embalagens criativas*”.

As técnicas lúdicas e as oficinas de trabalhos manuais foram recursos educativos que visaram aumentar a compreensibilidade da informação bem como a motivação do grupo. Esses materiais respeitaram a linguagem, o nível educacional e a idade dos idosos, conforme proposto por Afonso (2003). O aspecto educativo do grupo sócio-educativo foi fundamental. As novas informações, o questionamento de mitos, a possibilidade de tirar dúvidas representaram elementos importantes no processo de mudança das representações que os idosos fazem das problemáticas ambientais atuais.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo de idosos aqui trabalhado, com territorialidade específica, identidade sócio-cultural, dentre outras características, se mostrou como um possível espaço de intervenção pedagógica. Esse grupo faz parte de um contingente populacional e social, a terceira idade, que demanda uma educação não-formal em educação ambiental. Assim, a EA seria um elemento estratégico na ampliação da consciência crítica e criaria possibilidades de atualização das potencialidades da terceira idade em diferentes contextos sociais. Segundo Paulo Freire (1983), tal consciência, provoca uma relação dialógica entre o desvelamento crítico da realidade e ação social transformadora. Nessa perspectiva, os pressupostos da EA, conhecimento, habilidade, atitudes, sensibilização e ação, vão de encontro a uma prática social construída e construtora que poderá dar sentido à vivência do idoso.

#### 5 REFERÊNCIAS

- Afonso L, Abade FL, Akerman D, Coelho CMS, Medrado KS, Paulino JR, Pimenta SDC. *Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2003.
- Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- Carvalho, JAM; Garcia, RA. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 19 n.3, 2003.
- Castro, R.S. & Baeta, A.M. Autonomia intelectual: condição necessária para o exercício da cidadania. In: Loureiro, C.F.B (org). *Educação Ambiental: repensando p espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002. 99-108p.
- Conferência de Tbilisi - *Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental aos Países Membros, 1977*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sef/ambiental/tbilise01.shtm>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2003.
- Dias, G. F. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Gaia, 1992. 399 p.
- Domingues, I. (org.). *Conhecimento e transdisciplinaridade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- Freire, P. *Pedagogia do oprimido*. 12 ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

- IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis . *GEO Brasil 2002 – Perspectivas do Meio Ambiente no Brasil*. Brasília: Edições IBAMA, 2002.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000*. Brasília: IBGE, 2003. Disponível em : < <http://www.ibge.gov.br> >. Acesso em 7 de fevereiro de 2003.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades@*. Brasília: IBGE, 2005. Disponível em : < <http://www.ibge.gov.br> >. Acesso em 17 de agosto de 2005.
- Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. *Dispõe sobre a educação ambiental*. Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9795.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm)>. Acesso em 25 de fevereiro de 2003.
- Lima, G.F.C. Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: Loureiro, C.F.B (org). *Educação Ambiental: repensando p espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002. 109-142p.
- Lima-Costa, MF; Veras, R. Saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 19 n.3, 2003. Editorial.
- Loureiro, C.F.B. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: Loureiro, C.F.B (org). *Educação Ambiental: repensando p espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002. 69-98p.
- Loureiro, C.F.B.; Franca, N.; Layrargues, P.P.; Lopes, S.A. *Construindo os recursos do amanhã: cidadania e meio ambiente*. Salvador: CIMA/CRA, 2003.
- Marcatto, C. *Educação Ambiental: conceitos e princípios*. Belo Horizonte: FEAM, 2002. 64 p.
- Minayo, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3.ed. São Paulo: HUCITE-ABRASCO, 1994.
- Moscovici, S. On social representations. In: Forgas (ed.). *Social cognition*. Londres: Academic Press, 1981
- Novak, J.N.; Gowin, D.B. *A entrevista como instrumento de avaliação*. In: Aprender a aprender. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1984. p. 135-164.
- Oliveira, R.D.; Oliveira, M.D. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In CR Brandão (org), *Pesquisa Participante*, 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 17-33.
- Patrocínio, T. *Tecnologia, Educação, Cidadania*. Lisboa: Instituto Educacional, 2002, 159 p.
- Pellaud, F. Concepções, paradigmas e valores para o desenvolvimento sustentável. *ENSAIO – Pesquisa em Educação em Ciências*. Belo Horizonte, v. 4, n. 2, 2002.

- Pellaud, F. *A utilização de concepções do público durante a difusão de um conceito completo, o desenvolvimento sustentável, em um projeto de museologia*. Tese de doutorado, Universidade de Genebra: FAPSE, 2000.
- Primi, L. *Jovens idosos do século 21*. São Paulo: ESTADÃO, 2002. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/magazine/materias/2002/dez/06/113.htm>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2003.
- Reigota, M. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 1994. 62 p.
- Ribeiro, M. Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 28, n. 2, 2002.
- Schall, V. T. *Educação Ambiental no Brasil: do real ao possível*. Rio de Janeiro, 1992.
- Uchôa, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 19 n.3, 2003.
- Veras, R. Em busca de uma assistência adequada à saúde do idoso: revisão da literatura e aplicação de um instrumento de detecção precoce e de previsibilidade de agravos. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 19 n.3, 2003.
- Viezzer, M. L.; Ovalles, O. *Manual latino-americano de educação ambiental*. São Paulo: Gaia, 1995. 192 p.
- Guimarães, S.S.M.; Tomazello, M.G.C. Avaliação das idéias e atitudes relacionadas com sustentabilidade: metodologia e instrumentos. *Ciência & Educação*. São Paulo, v.10, n.2, 2004, p. 173-183.